

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 6)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-966-0 DOI 10.22533/at.ed.660202301</p> <p>1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter

de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRÁTICAS DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elaine Kendall Santana Silva Nataniele Fernandes dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.6602023011	
CAPÍTULO 2	15
PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CONFECÇÃO DE MAQUETES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO	
Luzia Gomes Lira Irlei Gomes de Oliveira Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6602023012	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO SONORA, SEMIÁRIDO E POLÍTICA: OS SPOTS PRODUZIDOS PELA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA EM 2016	
Anaelson Leandro de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6602023013	
CAPÍTULO 4	35
PROJETOS DE APRENDIZAGEM E GAMIFICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	
Anibal Lopes Guedes Fernanda Lopes Guedes Eliane Schlemmer	
DOI 10.22533/at.ed.6602023014	
CAPÍTULO 5	52
QUEIMADAS NO ACRE: UM PROBLEMA DO VERÃO AMAZÔNICO	
Lívia Fernandes dos Santos Fernando Neri de Arruda Jordana Souza Paula Riss	
DOI 10.22533/at.ed.6602023015	
CAPÍTULO 6	59
REDAÇÃO DE SURDOS: UMA JORNADA EM BUSCA DA AVALIAÇÃO ESCRITA	
Maria do Carmo Silva Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6602023016	
CAPÍTULO 7	63
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ELPÍDIO BARBOS AMACIEL EM SÃO BENTO DO UNAPE: O CASO DA CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO BRASILEIRO SEGUNDO JURANDYR ROSS	
Josenildo Odilon de Lima Lindhiane Costa de Farias Manoel Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6602023017	

CAPÍTULO 8	66
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA INTERATIVA PARA O ENSINO APRENDIZAGEM	
Sandra Rosimere Hermes dos Santos Eronice Rodrigues Francisco Sérgio Santos Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6602023018	
CAPÍTULO 9	71
RETRATOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM ITABIRITO/MG	
José Erildo Lopes Júnior Marcos Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.6602023019	
CAPÍTULO 10	84
ROTA ACESSÍVEL – DIRETRIZES DE PROJETO DE REFORMA/ADAPTAÇÃO ESCOLAR	
Gabriel Moraes de Bem Aryane Spadotto Jorge Armino Sell Roberta Costa Ribeiro da Silva André Gustavo Müller Giovana Gonçalves Gustavo Gabriel Hoffmann Lana Stefany Neves Izidro Luis Felipe Borges Sabrina Thiem	
DOI 10.22533/at.ed.66020230110	
CAPÍTULO 11	88
SALA DE AULA INVERTIDA (ADAPTADA): FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINOAPRENDIZAGEM DE QUÍMICA	
Renata Gonçalves da Mata Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66020230111	
CAPÍTULO 12	97
SELEÇÃO DE MATERIAIS A PARTIR DA ANÁLISE MICROESTRUTURAL: A APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA E A DIDÁTICA PROFISSIONAL	
Eduardo do Nascimento Karasinski	
DOI 10.22533/at.ed.66020230112	
CAPÍTULO 13	105
SENTIDOS RETÓRICOS NAS LETRAS ALEMÃS DO MEDIEVO: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO RETÓRICA DOS ROMANE CAVALEIRESCOS EM MÉDIO ALTO ALEMÃO (MITTELHOCHDEUTSCH)	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.66020230113	

CAPÍTULO 14 113

SOROBAN COMO INSTRUMENTO TECNOLÓGICO DE APRENDIZAGEM MATEMÁTICA NA EJA

Isnaele Santos da Silva
Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra
Salete Maria Chalub Bandeira
Denison Roberto Braña Bezerra
Mário Sérgio Silva de Carvalho
Everton dos Reis Araújo
Andrea Bastos dos Santos
Conceição Lima da Silva

DOI 10.22533/at.ed.66020230114

CAPÍTULO 15 123

STRATEGOS- O JOGO DIGITAL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE EGRESSOS DE ENGENHARIA

Marcos Baroncini Proença
Dayse Mendes
Fernanda Fonseca
Viviana Raquel Zurro
Luciano Zurro Stelle

DOI 10.22533/at.ed.66020230115

CAPÍTULO 16 130

TEORIA HUMANISTA, TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E TEORIA DA INSTRUÇÃO PRESCRITIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO CONTEMPÔRANEA

Elivania Toledo Rodrigues
Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Marinalva Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66020230116

CAPÍTULO 17 140

TRADUÇÃO E ALTERIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE LE A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

Rosanne Castelo Branco

DOI 10.22533/at.ed.66020230117

CAPÍTULO 18 149

TRANSDISCIPLINARIDADE E NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM EM UM CONTEXTO DE HORTA ESCOLAR

Nágila Maria Silva Oliveira
Roberto Mamedio Bastos
Kelly Cebelia das Chagas do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.66020230118

CAPÍTULO 19	154
TRANSPORTE SUSTENTÁVEL E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CICLISMO NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO PROSA (PEP) EM CAMPO GRANDE/MS	
Guilherme Pires Veiga Martins Edson Pereira de Souza Icléia Albuquerque de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.66020230119	
CAPÍTULO 20	169
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES: TRABALHO, IDENTIDADE, AUTORIA E SEUS SILENCIAMENTOS	
Alexandra Tagata Zatti Tânia Regina Raitz Kátia Regina Hillesheim	
DOI 10.22533/at.ed.66020230120	
CAPÍTULO 21	178
VIAGEM NOS MAPAS	
Lia Margot Dornelles Viero Elsbeth Léia Spode Becker Natália Lampert Batista	
DOI 10.22533/at.ed.66020230121	
CAPÍTULO 22	192
INOVAÇÃO NOS CARDÁPIOS DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SC	
Vanessa Fernandes Davies Marcela Kruger Correa Emanoelle Nazareth Fogaça Marcos Nicole Pelaez	
DOI 10.22533/at.ed.66020230122	
CAPÍTULO 23	203
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO AMBITO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Silvana Mara Lente Odenise Jara Gomes Vania de Oliveira Silva Elisangela de Oliveira Silva Solange Teresinha Carvalho Pissolato Marinalva Pereira dos Santos Elivania Toledo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66020230123	
CAPÍTULO 24	214
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DA RECEPÇÃO DO POEMA DO AUTOR CRAVEIRINHA, COMO SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA E DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM MOÇAMBIQUE	
Altair Sofientini Ciecowski	

Amarildo Bertasso

DOI 10.22533/at.ed.66020230124

CAPÍTULO 25 220

MÉTODOS INOVADORES NO PROCESSO DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE:
UMA ANÁLISE COM TURMAS DOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
COMUNIDADES CARENTES NO ENTORNO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA

Danilo Marcus Barros Cabral

DOI 10.22533/at.ed.66020230125

CAPÍTULO 26 228

CORPOS-TEXTO NA IMENSIDÃO DE HISTÓRIAS INCOMPLETAS: A SEXUALIDADE
COMO DISPOSITIVO DE SENTIDOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Luiz Henrique Moreira Soares

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Maria Regina Momesso

Débora Cristina Machado Cornélio

Andreza de Souza Fernandes

Monica Soares

Carlos Simão Coury Corrêa

Valquiria Nicola Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.66020230126

SOBRE A ORGANIZADORA..... 245

ÍNDICE REMISSIVO 246

SENTIDOS RETÓRICOS NAS LETRAS ALEMÃS DO MEDIEVO: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO RETÓRICA DOS ROMANE CAVALEIRESCOS EM MÉDIO ALTO ALEMÃO (*MITTELHOCHDEUTSCH*)

Data de aceite: 02/01/2020

Marcus Baccega

DEHIS/PPGHIS-UFMA

São Luís do Maranhão

RESUMO: Este breve ensaio pretende acenar, a partir da Nova Retórica e do *Rhetoric Turn* dos anos 1990 na Medievalística de expressão francesa, para a possibilidade de reaccessar, reler e ressignificar a vultuosa Matéria Cavaleiresca por meio de um prisma retórico-disciplinar. Esse giro retórico floresce, em nossos dias, de uma tendência de grande fortuna crítica nas Ciências Humanas durante os anos 1980, o *Linguistic Turn*. O ofício do historiador se constitui, no fundo, em um permanente exercício de metalinguagem, ou seja, linguagem historiográfica – insista-se –, uma analítica crítico-metódica, portanto científica, da finitude de nosso próprio Dasein - que se flexiona sobre as diversas camadas de linguagem e de relações sociais por meio dela concretizadas, que forjam o grande palimpsesto multitemporal dos “agoras” históricos. A partir desta premissa, nossa proposta consiste em dissecar qual a tensão de discursos retórico-disciplinares, pensados enquanto conjuntos sintaticamente coerentes e instituidores de um imaginário/ideologia, que subjaz às narrativas

cavaleirescas alemãs. Sendo as ações sociais mediadas pela linguagem e construídas cotidianamente como condutas governadas pelas expectativas quanto ao comportamento dos demais atores sociais (Max Weber), compreender as tensões e os compromissos entre os dois *ethoi* cavaleirescos latentes nestes escritos, significa, propriamente, erigir uma teoria da ação social sistêmica no seio do Feudalismo imperial entre os séculos XI e XIII. Deste modo, procuramos, tendo sempre em vista a concepção de desenvolvimentos desiguais e contraditórios no seio do Sistema Feudal (Alain Guerreau), apresentar uma hipótese heurística nova, que dialogue com a Teoria Literária, mas dela se distinga em virtude de seu ângulo de análise e ponto de partida metodológico, ambos relativos à História.

PALAVRAS-CHAVE: Retórica Medieval; Matéria Cavaleiresca; Sacro Império Romano.

RHETORIC SENSES IN GERMAN
MEDIAEVAL WRITINGS: WAYS TO A
RHETORICAL INTERPRETATION OF
CHIVALRY ROMANCES IN MIDDLE HIGH
GERMAN (*MITTELHOCHDEUTSCH*.)

ABSTRACT: This brief paper aims at pinpointing, based upon New Rhetorics and the *Rhetoric Turn* of the 1990ies in the field of French Mediaeval Studies, the possibility

of reassessing, rereading and resignify the vultuous Chivalric Matter by means of a rhetorical-disciplinary prisma. Such Rhetoric Turn blossoms from a larger trend, endowed with great critical fortune in Social Sciences during the 1980ies, the so-called *Linguistic Turn*. Historian's craftsmanship does correspond, should we catch a glimpse of its core, to a permanent metalinguistic exercise, that means, historiographical language - which, we shall insist, is a critical-methodological, thus scientific, concerning the finitude of our very *Dasein* – which leans on various layers of other languages and the relative social relations crystallized under such linguistic/semiotic codes. Hence the manifold historical “nows”. Our proposal consists of dissecting the clash of rhetorical-disciplinary speeches, conceived as syntactically coherent communication systems able to bring about an imaginary or ideology socially attempting to thrive and become hegemonic. Our purpose shall be the research for this values collision inside chivalric narratives. Aware of the fact that social action are ways of behavior rising from the expectations about other people's demeanors (Max Weber), spelling out the impingements and compromises between the two chivalric *ethoi* underlying theses narratives implies hammering up a systemic theory of social action in the bosom of imperial Feudalism between the 11th. and 13th. centuries. This way, permanently taking Allan Guerreau's idea of unequal and contradictory developments within the feudal system, we intend to present a new heuristic hypothesis.

KEYWORDS: Mediaeval Rhetorics; Chivalry; Holy Roman Empire.

1 | INTRODUÇÃO

1.1 História e Germanística Antiga

Tornou-se verdadeiro *topos*, quase “escolar”, iniciar textos de História da Cultura que visem a analisar fontes – em nosso caso narrativas romanescas em médio alto alemão – hoje havidas por “literárias” com uma menção à revolução historiográfica implicada pelo projeto teórico dos *Annales*. Todavia, a interveniência analítica da História em um campo tradicionalmente pesquisado por intelectuais advindos da Teoria Literária, da Linguística Histórica e da Filologia parece-nos requerer algumas breves palavras. Com efeito, já a partir de sua Primeira Geração, constituída, na Universidade de Estrasburgo, por Marc Bloch, Lucien Febvre e seus alunos, em torno da Revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929), esta vertente historiográfica desafiou os modos tradicionalmente consagrados do fazer historiográfico.

Como não se ignora, o século XIX testemunhou, a partir de sua segunda metade, a chancela universitária ao estatuto científico da História. Se, no caso francês, foi hegemônico o Positivismo e sua herança metódica e diplomática, enfatizando a condição imprescindível da crítica documental para a artesanaria historiográfica, o caso alemão revela algumas especificidades. Desde a consagração das cátedras de História nas universidades alemãs, em especial a Universidade de Berlim, processo

que se deu em torno de nomes clássicos como Leopold von Ranke e Theodor Niebuhr, o Historicismo alemão consolidou-se a partir de uma filiação filosófica neokantiana evidente. Tal conexão teórica implicou uma concepção de Historiografia como um fazer rigoroso ideográfico, ou seja, um estudo rigoroso sobre o que é particular, singular, irrepetível e se dá a conhecer por meio das fontes oficiais. À História, por conseguinte, não se atribuía a tarefa teórica de produzir sentidos gerais.

Com efeito, *ideográfico* e *nomotético* são as expressões usadas pelo filósofo neokantiano da Escola da Baden Wilhelm Windelband (1848-1915), para referir-se, respectivamente, aos saberes intelectuais que se detinham sobre a análise de fenômenos irrepetíveis e singulares, únicos, a respeito dos quais não se poderiam inferir leis (nexos de causalidade), e às ciências aptas a induzir leis matemáticas constantes e universais para os fenômenos observados. No primeiro caso estariam as então novatas disciplinas da História e Geografia e, dentre as nomotéticas, figurariam as ciências matemáticas, exatas e naturais, com destaque para a Física e a Química. Para o que concerne às veredas percorridas pelos saberes universitários no universo alemão oitocentista, um livro de Windelband talvez seja epítome do neokantismo de Baden, *Präludien: Aufsätze und Reden zur Einleitung in die Philosophie* (em tradução livre, *Prelúdios: Ensaios e Palestras para Introdução à Filosofia*, 1884). Em seus ensaios coligidos, justamente, encontra-se a dicotomia ideográfico/nomotético, que redundaria em outra díade também célebre: *Naturwissenschaften* (as “Ciências da Natureza”) e as *Geisteswissenschaften* (as “Ciências do Espírito/Intelecto”).

No caso dessas últimas, o critério de validade formal e metodológica seria o documento oficial, exarado pelos órgãos políticos, legislativos, judiciários e diplomáticos dos Estados Nacionais. No entender de Leopold von Ranke, os documentos, portais translúcidos ao passado, revelariam os fatos sociais *wie es eigentlich gewesen* (*Geschichte der romanischen und germanischen Völker*, 1874). A “revolução francesa na Historiografia” que foram as gerações do Movimento dos Annales, como se refere Peter Burke (*A Escola dos Annales - 1929-1989*, 1990) provocou uma enorme e inaudita pluralização documental e de problemas historiográficos a serem investigados. Todos os vestígios de presença humana no tempo deveriam interessar aos historiadores. Marc Bloch efabulou, inclusive, a pertinente metáfora do “ogro historiador”: onde quer que haja sinal de carne humana, o ogro seguirá os vestígios, as pegadas, indícios, marcas, sinais, rastros.

Toda essa miríade de vestígios da presença das sociedades humanas, em suas diversas temporalidades, poderia – deveria – ser documentalizada, vale dizer, problematizada pela análise do historiador, a partir de sua inquirição, realizada por meio da *questão-problema*. Ao brocardo positivista, muito acalentado por figuras como Fustel de Coulanges, *pas de document, pas d’Histoire*, o movimento dos *Annales* contrapôs o adágio *pas de problème, pas d’Histoire*. Neste lastro, a

sensibilidade para dialogar com a Psicanálise e a Antropologia, a par das demais ciências humanas, permitiu à Primeira e, sobretudo, à Terceira Geração dos *Annales* (autointitulada Nova História), problematizar o imaginário, as representações sociais, os sonhos, desejos, medos e demais sensibilidades coletivas como autênticos temas historiográficos.

Foi desta maneira que a produção literária, a exemplo das demais expressões de arte, passou a integrar o escopo documental da História. Ciência dos homens no tempo, afirmava Marc Bloch, a História jamais poderia aspirar à compreensão processual das transformações sociais no tempo se continuasse abdicando da análise crítica das sensibilidades, das representações, dos símbolos, da arte. Mas o que poderia revelar a Literatura, como *locus* de experimentação estética e transcrição do real vivido, para o historiador?

Uma hipótese heurística de primeira grandeza foi proposta pelo sempre estimulante trabalho do historiador Nicolau Sevcenko (1952-2014). Esse historiador concebe, em *Literatura como Missão* (1983), ao discutir o ângulo de interesse historiográfico quanto ao fenômeno literário, que as narrativas literárias são o *locus* sociolinguístico das histórias-estórias – plurais, contraditórias, concorrentes, tentadas, imaginadas, sonhadas, acalentadas – que não puderam se realizar.

Essas *histórias que poderiam ter sido e não foram* constituem nada menos que os contornos dos traços de mentalidade de uma determinada formação social. As fabulações literárias, desta forma, descortinam os limites do que era possível imaginar, sonhar, sentir e pensar, vale dizer, daquilo que os homens históricos poderiam abranger desde o mais recôndito de seu imaginário e projetar como planos de transformação da própria tessitura social por eles vivida. O filósofo francês Raymond Ruyer, em seu belo ensaio *L'Utopie et les utopies* (1950), problematiza e sugere a noção de utopia como um *lateral possível*, um “aqui e agora” radicalmente diverso do “aqui e agora” vivido pelos homens em seu tempo histórico. Neste sentido, a imaginação de um *lateral possível* na consciência dos homens provoca uma disrupção tensa entre o viver e o narrar. A Literatura será, por excelência, o esteio de linguagem histórica em que a utopia se torna política e se faz, portanto, motriz dos processos de transformação social.

Mas são, efetivamente, os traços de mentalidade percebidos nas margens nebulosas da ficção – e talvez apenas lá seja possível vislumbrá-los – o que revelam os escritos romanescos medievais ao historiador preocupado com a compreensão das tramas sociais em torno da cavalaria?

2 | O NEGATIVO DE SI: INQUIETUDE DA ESCRITA

Uma das missões mais valiosas, e ao mesmo tempo mais desconcertantes, da

História, ciência hermenêutica da singularidade ontológica humana, a permanente autoconstrução dos homens no tempo e no espaço, é desnaturalizar e historicizar o que nos parece eterno, imutável, conatural a uma suposta essência humana trans-histórica. A Literatura, de acordo com a reflexão antissistêmica de Michel Foucault (1926-1984), é um não-ser que, paradoxal e dialeticamente, impõe sua existência, negatividade e desassossego à tradição escrita com a qual lidamos nos marcos do Ocidente.

Por um lado, a Literatura é tão velha quanto a escrita e quanto a capacidade das diferentes culturas humanas de engendrar representações, abstrações, signos, em seus diversos suportes semiológicos. Na tradição ocidental, serão as epopeias homéricas a inaugurar, ao longo do século VIII a.C., uma tradição de longo alcance histórico, que se consagrou sob o nome *Litterae*, as “letras”. Por outro lado, todavia, é possível pensar uma historicidade para a construção de um campo ficcional no Ocidente, uma emergência da literatura enquanto negatividade dialética que instaura um campo vazio e opaco na linguagem, ensejando uma triangulação problemática em uma relação antes linear, entre **escrita** e **obra**. Assim se refere Michel Foucault na conferência *Langage et Littérature*, ministrada em 18 e 19 de março de 1964, na Université Saint-Louis, em Bruxelas.

Se pudermos, brevemente, fazer uso do léxico tradicional das especulações filosóficas desde os pré-socráticos, a Literatura é algo como um não-ser, um vazio na linguagem, uma ruptura nas relações de imediatez substancial entre a linguagem e as obras dela provenientes. Em uma palavra, a Literatura é um intrigante enigma. Um mistério e desafio que rompe a linearidade das representações sociais. Neste campo opaco e tensionado pelo mistério, a consciência dos homens consegue transcriar esteticamente o cosmo e o próprio fenômeno humano. Por tal razão, a Literatura é coetânea à própria questão sobre o que é a Literatura. A mesma impõe sua presença intrigante enquanto negatividade dialética que transforma as formas de escrita, obras e sua relação anterior de imediatez em uma neblina densa de enigmas da Esfinge.

Neste sentido, tendo em vista que se precisou construir um campo de vivência – uma dimensão em que o agir e o pensar (praxis histórica) pudessem traduzir sentidos a partir de significantes e significados não imediatamente contíguos ou retro-referidos, ou seja, uma perturbação essencial nos próprios signos de linguagem – qual o momento em que as narrativas cavaleirescas se ficcionalizam? Será quando o *Roman* medieval e suas aventuras novelescas cessarem de produzir efeitos sociais de verdade mito-poética. Será, pois, o instante em que as obras cavaleirescas se voltarem para si mesmas, romperem a translucidez da linguagem, se constituírem como espaço opaco de autorreferencialidade. No caso das narrativas romanescas em torno da cavalaria, tratou-se da invenção burlesca de uma sátira que denunciou a trajetória das narrativas da cavalaria de uma convenção de veracidade para uma

convenção de ficcionalidade: a efabulação de *El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha*, o célebre “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes (1605).

3 | HISTÓRIA, RETÓRICA, GERMANÍSTICA ANTIGA

Se a História Medieval de temática germanística desnaturaliza a ideia de uma “literatura” cavaleiresca alemã, tal como europeia, em um sentido mais amplo, como poderia o historiador da cultura interpelar tais corpora? Uma primeira resposta, ainda aproximativa, pode retirada de uma constatação proposta por Foucault ao asseverar que o campo da Literatura surge como normativa de desconstrução da Retórica, enquanto norma sobre o belo dizer e a virtuosa elegância do bem escrever (FOUCAULT, 1964: 15-17). Da Retórica à Literatura, o que, exatamente, foi reconfigurado? Podemos ensaiar uma primeira resposta: um regime social de sentido para o dito, o vivido e o narrado. Tal processo de metamorfose nas representações sociais medievais mostrou-se mais impactante no Sacro Império Romano, o mundo alemão medieval.

Nestes termos, a História da Cultura deve interpelar a Germanística Antiga, tanto no que concerne às cantigas líricas e satíricas do Trovadorismo alemão (*Minnesang*), quanto, em nosso caso, os *Romane* cavaleirescos, e propor um conceito de decodificação de sua tessitura social de origem que seja capaz de lidar com um traço cultural radicalmente diverso de nossos contemporâneos: uma convenção retórica de veridicidade. Trata-se, enfim, de enfatizar que as narrativas cavaleirescas da Idade Média Central (*Hochmittelalter*, na periodização mais familiar à historiografia alemã) não encontravam, no polo semiológico do auditório a que se destinavam, quando das declamações cortesãs e mesmo das compilações escritas, com uma estética da recepção de viés ficcional.

As narrativas medievais cavaleirescas são portadoras de uma tensão – melhor referindo, uma *disputatio rhetorica* – entre dois grandes projetos universalistas cristãos, ambos aspirando a configurar a Ordem da Cavalaria em consonância com um *ethos* específico. O primeiro deles é assinalado no tratado *De laude novae militiae* (c. 1130 d.C.), do Abade Bernardo de Claraval (1090-1153), arquitetando-se a formação de um *ethos* novo para a pequena nobreza de cavaleiros, consistindo, em síntese, na renúncia radical ao *ethos* cortesão enquanto renúncia ao século. O cavaleiro cristão (*Miles Christi*) não mais deve partir em demanda por aventuras que redundassem em fama, prestígio ou reconhecimento de suas habilidades e façanhas de armas (*prouesse*) e cultivar o jogo palaciano do amor cortês, atentatório da disciplina clerical para o sacramento do Matrimônio e intensificador dos laços feudovassálicos.

Ao contrário, a aventura deveria converter-se, à imagem de uma *conversio*

morum beneditina, em peregrinação por Cristo e exaltação de sua glória, em direto detrimento da fama do cavaleiro. O êxito na demanda não mais seria marcado pelas riquezas e fama, mas pela vitória do próprio Cristo – e da *Esposa do Cordeiro*, seu *Corpus Mysticum* que é a Igreja – sobre os infiéis, os hereges no seio do Cristianismo e, por certo, também sobre o outro Universalismo Cristológico oponente da Reforma Pontifical, vale asseverar, o Sacro Império Romano. A cavalaria cristã (*Militia Christi*) é idealizada, no projeto de Teocracia Papal, como o lugar social da prática do amor de Deus. Enquanto expressão da Cidade de Deus na Terra, a Igreja Cristã tem, na cavalaria, sua expressão militar – *militante* – de expansão universal e retórico-catequética pelas armas.

Ora, as narrativas cavaleirescas provenientes do Sacro Império Romano são, por excelência, o lugar da memória (Pierre Nora) em que o historiador poderá investigar um movimento macrossistêmico no seio do bloco histórico hegemônico e suas fissuras. Tal exercício historiográfico faculta, justamente por se tratar da cavalaria alemã e seu conflito de *ethoi* cristológicos, e precisamente por se inquirir um *corpus* documental retoricamente mobilizado em torno da camada cavaleiresca, apreender a totalidade feudal em movimento, nos traços que a singularizaram após a “Revolução Feudal” em torno do ano mil.

4 | CONCLUSÃO

A guinada retórica (*Rhetoric Turn*) nas Ciências Humanas, com maior ênfase a partir da década de 1990, hoje habilita o enfoque retórico-disciplinar dos escritos romanescos em médio alto alemão. A atenção da História da Cultura para essa possibilidade de moldura teórica adveio dos trabalhos da Micro-história italiana, voltada às espiritualidades e crenças, sobretudo heréticas. Partindo de sofisticados estudos de caso, coletados em autos inquisitoriais, o historiador contemporâneo Carlo Ginzburg ensina-nos a reconsiderar a velha *ars rhetorica* de vezo aristotélico na produção historiográfica.

Foi em problematizações como aquela dedicada ao moleiro herege Menocchio, tema de *O Queijo e os Vermes* (1976), tendo aprofundado o método e o escopo de análise de livros anteriores, como *Os andarilhos do bem* (1966), que Ginzburg ensejou a percepção do conteúdo retórico-disciplinar dos *corpora* documentais com os quais lidava. Aquelas crenças, aqueles ritos, homens e mulheres à margem das tênues camadas de ortodoxia católica, envoltos em cosmogonias, delírios semioníricos, possessões, não poderiam ser lidos à maneira de relatos de ficção.

Não por outra razão, Ginzburg lega-nos a preciosa coletânea de ensaios em que desenvolve e explicita melhor esta perspectiva retórica na construção da argumentação do historiador e, não menos, na dissecação dos documentos

históricos. Trata-se de *Relações de Força: História, Retórica, Prova* (1999). Por esta perspectiva, um método heurístico que a História da Cultura teria a propor aos estudos de Germanística Antiga advém dos estudos da própria Teoria Literária. Nestes termos, suscitamos o enfoque das narrativas romanescas em médio alto alemão por meio do conceito de gênero retórico- poético, definido por Alcir Pécora como um conjunto articulado de convenções textuais, estilísticas e formais que se propõem ao convencimento ou persuasão de um público destinatário, um auditório. Ao efetivar esse discurso persuasivo, todo gênero retórico mobiliza uma *tópica*, ou seja, um conjunto de *topoi*, lugares-comuns típicos e adequados às convenções que definem seu *decoro*, e que se expressam concretamente por meio de *tropos* ou figuras de linguagem recorrentes em seus textos (PECORA, 2001: 12). Será, então, nítido o caráter retórico epidítico dos *Romane* centro-medievais.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Marcus. **O Sacramento do Santo Graal**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. São Paulo: Editora 34, 2005.

FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. **Direito, Retórica e Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Langage et Littérature**. Bruxelles: Éditions de l'Université Saint-Louis, 1964.

_____. **Les mots et les choses**. Une archéologie des sciences humaines. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força**. História, Retórica, Prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Raízes de um paradigma indiciário. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HAUG, Walter. **Literaturtheorie im deutschen Mittelalter**. Von den Anfängen bis zum Ende des 13. Jahrhunderts. Eine Einführung. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de Gêneros**. Novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage. São Paulo, EDUSP, 2001.

WINDELBAND, Wilhelm. **Präludien: Aufsätze und Reden zur Einleitung in die Philosophie**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 85, 87

Acre 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 113, 114, 149

Adaptação escolar 84, 85, 87

Alteridade 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 243

Análise de conteúdo 25, 29, 33, 206

Aprendizagem pela prática 97, 102, 103

Aprendizagem significativa 123, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 213

Autoria 36, 49, 152, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176

C

Ciência 16, 42, 50, 52, 55, 56, 66, 97, 99, 100, 108, 109, 181, 182, 184, 187, 201, 202, 206, 207, 211, 220

Competências linguísticas 1, 4, 7, 11, 12, 171

Comunicação 6, 8, 9, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 50, 51, 70, 78, 87, 91, 112, 114, 131, 174, 179, 181, 190, 191, 222, 225, 226

D

Didática profissional 97, 98, 99, 103, 104

Dinâmica da terra 15, 16, 17, 19

E

Educação de jovens e adultos 71, 72, 73, 78, 80, 82, 83, 113, 114, 194

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 35, 36, 37, 41, 49, 50, 52, 55, 56, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 201, 202, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 245

Ensino aprendizagem 64, 66, 69, 83, 88, 119, 180, 182, 183

Escola acessível 85

F

Ferramenta didática 88, 89, 91, 94

G

Gamificação 35, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 51

Gamificação no ensino superior 35

H

Horta 149, 150, 151, 152, 153

I

Identidade 27, 79, 124, 126, 128, 143, 144, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 214, 215, 218, 219, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 240, 243, 244

Inserção social 1, 6, 56

J

Jogo digital 67, 123, 124, 125

Jovens 50, 69, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 113, 114, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 194

L

Literatura infanto-juvenil 140, 141, 142, 145, 181

M

Maquetes 15, 16, 17, 18, 19

Matemática 44, 55, 83, 96, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 151, 152, 180

Metalografia 97, 103, 104

Metodologias ativas de ensino 97, 102

N

Novos saberes 123, 124

O

Oralidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 34, 220, 221, 223, 224, 225, 226

P

Paródias 15, 16, 17, 18, 21, 22

Perfil de alunos 71, 73, 78, 80

Pesquisa ensino e aprendizagem 149

Projeto de aprendizagem gamificado 35

Q

Queimadas 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Química 50, 55, 57, 70, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 107, 123, 126, 139

R

Rádio 25, 27, 28, 29, 32, 33, 34

Região dos inconfidentes 71, 73, 75, 79

S

Sala de aula invertida 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96

Seleção de materiais 97, 99, 100

Semiárido 25, 26, 30, 31, 32, 33

Sentidos 28, 105, 107, 109, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 175, 228, 234

Silenciamentos. 171

Simple soroban 113, 114, 117

Sociedade 3, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 26, 32, 38, 42, 52, 55, 56, 57, 61, 75, 89, 94, 122, 131, 136, 138, 141, 143, 145, 147, 155, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 177, 182, 184, 187, 204, 206, 210, 211, 212, 220, 221, 223, 227, 235, 242

Spot 25, 28, 29, 30, 31, 32

T

Tecnologia 21, 23, 38, 39, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 66, 68, 69, 70, 90, 95, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 133, 190, 202, 213, 220

Tecnologia da informação 114, 213

Trabalho 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 42, 43, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 62, 66, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 125, 126, 129, 136, 140, 149, 150, 151, 152, 155, 166, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 204, 210, 212, 213, 214, 222, 226, 236, 239

Tradução intercultural 140, 142, 145, 147

Transdisciplinaridade 50, 149, 150

V

Vídeos 15, 16, 17, 18, 21, 22, 35, 56, 63, 92, 93, 94, 152, 183

